

CARTA CIRCULAR N.14

(Prot. N. 00751/99)

Reflexões sobre o VI CPO

Primeira Parte

“A GRANDEZA DA ALTÍSSIMA POBREZA”

(Rb VI,4)

A todos os freis Capuchinhos
e às nossas irmãs Clarissas Capuchinhas
Em suas sedes

Caríssimos freis e irmãs

“Esta é a grandeza da altíssima pobreza que vos constituiu herdeiros do Reino dos céus... Seja essa a vossa herança que conduz para a terra dos viventes” (Rb VI,4-5).

- 1.1 Há um ano nos reunimos em Assis para celebrar o Sexto Conselho Plenário da Ordem com o tema “Viver a Pobreza em Fraternidade”. Agora as Conferências da Ordem estão promovendo várias assembleias regionais para refletir as Proposições do Conselho Plenário e a rica espiritualidade que elas contém. Desejo acrescentar também as minhas reflexões pessoais, fruto do diálogo com os frades e das reuniões fraternas realizadas em diversas circunscrições do mundo. Início com a *Proposição Segunda* que apresenta a visão de S. Francisco em relação à **grandeza da altíssima pobreza**:

“A intenção fundamental de S. Francisco é de observar o Santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo” (Rb1,1). Ele viu na encarnação e na cruz o modelo de sua decisão radical: nada de si guardar para si (Cf. Carta à Ordem 29). Isto significa, em primeiro lugar, reconhecer que todo o bem que está em nós e que se realiza através de nós, é dom de Deus; devemos, portanto, restituir tudo a Ele no louvor e na ação de graças. O segundo componente deste despojamento radical é mais doloroso: “devemos estar firmemente convictos que nada nos pertence senão os vícios e os pecados” (Rnb 17,1). A isto Francisco acrescenta um terceiro elemento, igualmente exigente: “alegrar-se quando formos expostos a diversas provas e quando sustentamos qualquer tipo de angústia na alma ou no corpo” (Rnb 17,8) e “gloriar-se nas nossas enfermidades e no carregar sobre os ombros a cada dia a santa cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo” (Adm 5,8).

O coração do seguimento: “Vem e segue-me”

- 2.1 Há uma semelhança impressionante entre o encontro de Jesus com Nicodemos, no capítulo terceiro do Evangelho de S. João, e aquele de Jesus com o homem rico, no capítulo 10 de Marcos.

Tanto Nicodemos como o homem rico procuram um significado profundo para as suas vidas e ambos olham para Jesus com o objetivo de descobrirem este significado. Nicodemos faz uma pergunta explícita *"Mestre, sabemos que foste enviado por Deus para ensinar, porque ninguém pode fazer estes milagres que tu fazes se Deus não estiver com ele"* (Jo.3,2). O homem rico, como convém a quem se sente seguro de sua posição, é muito mais direto: *Bom Mestre, que devo eu fazer para alcançar a vida eterna?"* (Mc.10,17). Tanto Nicodemos quanto o homem rico procuram *"a vida eterna"* de Jesus, seu modo de colocar-se em relação ao próximo e com as realidades da vida.

- 2.2 Jesus informa a ambos os homens que *"a vida eterna"* requer uma mudança radical! Jesus é muito exigente em confronto ao homem rico: *"É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino de Deus!"* (Mc.10,25). Nicodemos compreende imediatamente esta dificuldade: *"Como pode um homem nascer sendo velho? Pode, talvez, entrar uma segunda vez no seio materno e renascer?"* (Jo.3,4). Jesus revela ao homem rico e também a nós que abrirá o coração do homem à vida eterna: *"Vai, vende quanto tens e dá-o aos pobres... depois vem e segue-me"*. (Mc. 10,21). Jesus aponta para uma nova rede de relações com as pessoas e com os bens materiais. *"Vende aquilo que tens e dá-o aos pobres"* é a porta de ingresso para tal seguimento. Os bens que impediam o seguimento ao homem rico eram muito mais que materiais: estes incluíam o poder, o controle sobre os próprios talentos, o controle sobre os outros, a possibilidade de obter tudo para a própria conveniência e bem estar.
- 2.3 *"Vem e segue-me"* Tanto Nicodemos quanto o homem rico esperavam respostas, soluções, explicações e orientações. Receberam tudo isto e muito mais: o convite a uma relação pessoal com Jesus. Até o *"Vem e segue-me"*, tudo o que Jesus disse ao homem rico pode ser encontrado também em outras partes. O convite a uma relação pessoal com Jesus numa comunidade de discípulos, isto é algo de verdadeiramente diferente e particular. Marcos explica as conseqüências do seguimento: *"Não há ninguém que tenha deixado a casa ou os irmãos ou as irmãs, ou a mãe, ou o pai, ou os filhos ou as terras por causa de mim ou do Evangelho, que não receba já no presente cem vezes mais em casas e irmãos e irmãs e mães e filhos e terras... e no século futuro a vida eterna."* (Mc.10,28-31). O seguimento é uma experiência que transformará totalmente o nosso modo de relações conosco mesmos, com os nossos talentos, com a terra e as suas riquezas, com o nosso próximo na sua dignidade e com Deus nosso Pai! Talvez o homem rico estivesse aberto para receber uma nova filosofia ou sistema, mas o risco da intimidade com Deus que *"ouviu o grito de seu povo e desceu para libertá-lo"* (Es. 3,7-8) é demais para ele. A intimidade requer o abandono do poder e do controle. O seguimento apresentado por Jesus facilita tal intimidade. Através da experiência de intimidade com Deus que é Amor nós *"nascemos de novo"*. E não há outro caminho.

A finalidade da pobreza: ser frades menores

- 3.1 É exatamente o seguimento narrado em Marcos 10 que Francisco descreve no capítulo sexto da Regra. Fiéis ao seguimento de Jesus os frades devem vender tudo: *"Os frades não se apropriem de nada, nem de casas, nem de lugares, nem de coisa alguma"* (Rb VI,I / FF 90). *"A grandeza da altíssima pobreza"* os constituirá *"herdeiros do Reino dos Céus"* e os conduzirá *"à terra dos viventes"* (Rb VI,5-6). A grandeza da altíssima pobreza é o cêntuplo prometido em Marcos 10. Francisco descreve este cêntuplo com um surpreendente realismo:

"Aderindo totalmente a esta herança, irmãos caríssimos, pelo nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, não queirais possuir nenhuma outra coisa em perpétuo, sob o céu. Em qualquer lugar em que os frades morarem ou se encontrarem mostrem-se familiares uns com os outros. Manifestem confiantemente um ao outro as próprias necessidades, porque, se uma mãe alimenta e ama seu filho segundo a carne, quanto mais deverá

cada um amar e nutrir seu irmão espiritual? Se algum deles cair doente os outros frades devem servi-lo como gostariam eles mesmos de ser servidos (Rb VI,6-11).

3.2 É muito significativo notar que Francisco fala da “grandeza da altíssima pobreza” não no capítulo quarto da Regra no qual trata do relacionamento com o dinheiro (as Constituições definem este capítulo como o Capítulo sobre a “Pobreza”), mas no capítulo sexto, no qual descreve as relações humanas que resultarão desta nova economia (as Constituições definem este Capítulo como o Capítulo sobre a “Fraternidade”). A *Proposição 2* enfatiza que a “grandeza da altíssima pobreza” compreende três princípios que nos constituem discípulos, permitindo-nos entrar em relação com os bens materiais e entre nós, seguindo o exemplo do relacionamento de Jesus com os bens materiais e com os seus discípulos.

O discípulo de Jesus deve:

- *não guardar nada de si para si*” (Carta à Ordem 29). Todo o bem presente em nós vem de Deus e a Ele deve retornar no serviço, no louvor e na ação de graças.
- ter a convicção de que *“nada nos pertence a não ser os vícios e os pecados”* (Rnb 17,7). Isto gera em nós a humildade diante de Deus, do próximo e da criação.
- levar *“cada dia a santa cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo”* (Adm 5,8). Estar dispostos a redimir o mundo compartilhando os sofrimentos que derivam do ter feito nascer a vida nova.

3.3 Por este motivo, a *proposição 3* indica que a pobreza evangélica é uma dimensão essencial de uma mais ampla e fundamental escolha franciscana, aquela da minoridade. *“Ser menores é manifestação de autêntica pobreza interior ... é humildade de coração e falta de poder* (cf. Adm 2,3; 3,4; 6,4 etc.); *é solidariedade com os que se encontram em necessidades e diante de privações”*. Um interessante estudo apresentado na revista *Itália Franciscana* avança a hipótese de que, nos seus escritos, Francisco use o termo “pobreza” em oposição a “poder”, e não em oposição a “riqueza”. O objetivo da pobreza evangélica é o de abrir-se à experiência da minoridade, e de salvaguardar a nossa identidade de frades menores. Tal intuição é confirmada por um dos maiores testemunhos da Tradição cristã – S. Tomás de Aquino. No seu tratado sobre a justiça ele explica que a ganância é um pecado espiritual e não carnal. A ganância – parece dizer – consiste em desejar ver a mim mesmo como alguém que possui muitas riquezas e experimentar prazer nisto. Em outras palavras, consiste em criar para si uma falsa identidade. (Cf II, IIae, q. 118, art.6) em relação ao poder e ao controle, com sérias conseqüências para a inteira comunidade humana.

A porta de ingresso para o seguimento: “Vai, vende tudo o que tens”.

4.1 A *proposição 3* institui uma hierarquia de valores entre a minoridade e a pobreza e, ao mesmo tempo, sublinha claramente a necessidade desta última: *“Sem a minoridade, a nossa pobreza não teria sentido”*. Francisco escutou o convite insistente de Jesus: *“Vai, vende aquilo que tens e dá-o aos pobres”*. Este imperativo é a primeira condição do seguimento e o primeiro requisito do capítulo sexto da Regra: *Os frades não se apropriem de nada, nem de casas, nem de lugares, nem de coisa alguma*”. (Rb VI,1 / FF 90). A *proposição 6* afirma que a pobreza de Francisco implicava precisas e corajosas escolhas econômicas:

- o não uso do dinheiro;
- a não apropriação de bens
- o trabalho manual como meio ordinário de sustentação e de ajuda aos outros;
- o recurso à esmola em caso de manifesta necessidade.

- 4.2 As escolhas econômicas que deram substância e critérios de comportamento à pobreza de Francisco e dos seus primeiros companheiros foram feitas em resposta a uma avaliação real e crítica das condições sociais do tempo. Uma vez que *“a ganância e a avareza rompem as relações com Deus ...”* e *a ambição e a concorrência desgastam o sentido da fraternidade entre as pessoas (Prop.6)*, os primeiros franciscanos fizeram aquelas opções econômicas que teriam salvado a identidade de *frades menores* e teriam consentido viver fraternalmente entre eles e com o próximo. Estas eram também uma ruptura consciente com as mais óbvias injustiças do crescente mercado econômico do tempo, baseado na apropriação do poder e da riqueza por parte de alguns em prejuízo da maioria. A escolha da pobreza por parte dos primeiros franciscanos visava o seguimento: o objetivo consistia em entrar em relação uns com os outros e com o próximo ao modo de Jesus. Era uma escolha consciente de um mundo mais fraterno, de um mundo mais humano. É importante recordar que a escolha deles se nutria e era reforçada pelo mistério da Eucaristia, no qual sentiam a unidade no Corpo de Cristo. Com tais opções econômicas, as primeiras fraternidades franciscanas não abraçaram a insegurança. Ao contrário, através destas os frades estabeleceram novas bases para a liberdade e a segurança humanas. Assis estava construindo a própria segurança fundada sobre a propriedade e sobre o poder de alguns, em prejuízo de outros. Francisco e seus companheiros construíram uma nova segurança baseada na mútua dependência e na liberdade fraterna. Era uma economia alternativa que, paradoxalmente constituía uma base mais sólida para a segurança humana do que a emergente economia de mercado do tempo.

O que devemos fazer: escolhas críticas

- 5.1 Os efeitos destrutivos a nível humano e social que Francisco entrevia na economia de mercado do seu tempo subsistem ainda hoje e em modo mais elevado: *“a ganância e a avareza rompem as relações com Deus e com o ambiente e a concorrência desgasta o sentido de fraternidade entre as pessoas”*. Em proporção e em complexidade a economia global de hoje é bem diversa da economia de mercado de Assis no século XIII. Consequentemente as opções econômicas hodiernas, através das quais encarnamos a pobreza evangélica e abraçamos o seguimento serão verdadeiramente diferentes daquelas dos primeiros franciscanos. A idéia é a mesma mas a realização será diferente. Particularmente o significado do dinheiro e a nova percepção da propriedade privada transformaram substancialmente as opções econômicas franciscanas da primeira hora, que proibiam o uso do dinheiro e recusavam qualquer tipo de posse. Por tais razões, um dos principais objetivos do Conselho Plenário consistiu em discernir as opções econômicas atuais que nos tornam autênticos discípulos de Jesus Cristo, salvaguardando a nossa identidade de frades menores e separando-nos das mais óbvias e escandalosas injustiças da hodierna economia global.

As propostas do Conselho Plenário são:

- *austeridade de vida;*
- *compromisso com o trabalho;*
- *solidariedade e mútua dependência;*
- *vida enraizada na experiência do povo, em particular dos pobres;*
- *justo uso e administração dos bens e das propriedades;*
- *compromisso em favor do desenvolvimento “sustentável”* (Cf. Proposição n. 6)

Por onde começar: pedir a graça de Deus

- 6.1 Os delegados do Conselho Plenário reafirmaram que estas opções, se vividas com consciente fidelidade, constituem um válido testemunho evangélico para o mundo de hoje:

“Devemos viver e testemunhar a nossa forma de vida evangélica que, embora na fraqueza, com seus valores de simplicidade, gratuidade, vontade de serviço, respeito da

peessoa e da criação, deseja propor-se como modo mais humano e mais verdadeiro diante do sistema econômico vigente". (Proposição 7)

- 6.2 As opções críticas descritas nas *Proposições* do VI CPO têm a capacidade de transformarem as relações e renovar o nosso modo de entender o seguimento. Em vista do novo milênio e em preparação ao Capítulo Geral começemos a refletir seriamente sobre as *Proposições* do VI CPO de modo a aproveitar destas duas históricas ocasiões que oferecem a todos nós a possibilidade de renovar-nos e “reafirmar humildemente e com fé o valor da pobreza evangélica como válida alternativa para o nosso tempo, ... (e) como opção de família”.
- 6.3 Diante deste desafio, somos tentados a responder como Nicodemos: *Como pode um homem nascer, sendo já velho”? Pode, talvez, entrar uma segunda vez no seio materno e renascer”? (Jo.3,4)*. Concretamente, é possível mudar? Ouçamos ainda uma vez o convite de Jesus: “*Vem e segue-me*”. Este convite nos mantém unidos ao gênio espiritual de Francisco, nos obriga a confiar nas asas daquela graça que o fez voar sobre a estrada da altíssima pobreza. Repito as suas palavras: “*a grandeza da altíssima pobreza*”. Existe um termo que exprime perfeitamente aquilo que levará todos nós à conversão de que tanto necessitamos. É uma palavra muito simples: “graça”. É a graça que move a nossa vontade e favorece as nossas ações: não há necessidade de nada mais a fim de que as reflexões que vos propus produzam frutos. É o momento de recordar o conselho de S. Boaventura, no fim do seu *Itinerarium*: “Se queres saber como acontece tudo isto, interroga a graça, não a ciência, o desejo, não a inteligência...” (Ofício das Leituras – Festa de S. Boaventura). O Doutor Seráfico refere-se ao dom da contemplação, mas creio que poderemos aplicar estas palavras também ao dom de viver segundo “*a grandeza da altíssima pobreza*”.
Enfim exorto-vos a iniciar e a terminar as vossas reflexões com a oração sincera e profunda para receber a graça de Deus, para abrir-vos ao “*Espírito do Senhor e a sua santa operação*” (Rb X, 8).

Fraternalmente

Fr. John Corriveau
Ministro geral OFMCap.

Festa dos Estigmas, 17 de setembro de 1999.

Perguntas para a reflexão pessoal

1. Em que termos considero a pobreza? Do ponto de vista da relação com as coisas ou com as pessoas? Qual é, para mim, o efeito mais importante da pobreza?
 - a) Torna-me menos apegado às coisas?
 - b) Ajuda-me a estar mais unido aos irmãos e irmãs em Cristo?
2. Quando se tem a ver com os desafios propostos pelos ideais e aquilo que devemos fazer, é importante saber admitir também as opiniões contrárias e/ou resistências. Quais são os meus sentimentos quando me encontro diante dos desafios da pobreza e da minoridade? (Medo, ansia, ira)?

Em que pontos experimento resistência sobre aquilo que pede o VI CPO? Levei estas dificuldades à oração e à minha intimidade com o Senhor?

Perguntas para o diálogo fraterno

1. Descreva uma experiência da tua vida na Ordem em que o nexa pobreza - fraternidade foi claramente evidente.
2. O que deve acontecer em nossa fraternidade para darmos testemunho mais autêntico de minoridade? Qual sacrifício específico devemos fazer para realizar tudo isto?
3. No lugar em que vivemos compreende-se que somos menores? Qual é o maior obstáculo que impede de sermos vistos como tais?

* * * * *